

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Um percurso de reflexão e pesquisa acerca da cultura material/imaterial das cidades

Mirza Pellicciotta

A vida nas cidades brasileiras carrega particularidades que, em grande medida, se originam das singularidades da população brasileira.

Submersas em um contexto amplamente identificado como de “terceiro mundo”, nossas cidades testemunham a vitalidade de uma sociedade diversa (em sua composição étnica) e desigual (em sua estruturação social), de grande riqueza cultural, mas também de profundas adversidades oriundas da condição de pobreza.

As particularidades das cidades brasileiras começam por sua juventude: o fenômeno de intensificação da urbanização (de médio e grande porte) no Brasil data dos anos 1940, período no qual cerca de 70% da população ainda vivia em áreas rurais ou em pequenas cidades espalhadas pelo território, registrando-se nesse período a concentração do primeiro milhão de habitantes na cidade de São Paulo.

Nas décadas seguintes, a população urbana passaria a se adensar e a experimentar uma significativa transformação social e cultural, encontrando-se registrados em um vasto número de obras literárias e artísticas relatos dramáticos do contato entre migrantes e a “cidade grande”, um universo de valores, referências, hábitos e formas de vida até então desconhecidos e que, em pouco tempo, se revelariam refratários aos saberes “interioranos” e “sertanejos” deste país não urbanizado.

No Brasil, o fenômeno de urbanização comumente associado à modernização e ao desenvolvimento econômico, social e cultural, fez-se acompanhar por uma trajetória dramática de fraturas e desenraizamentos de grandes contingentes populacionais que, pouco a pouco, se viram transformar em uma massa urbana de *cidadãos anônimos*.

O MUNDO URBANO PELO VIÉS SOCIAL

O processo acelerado de urbanização no Brasil, a partir da década de 1940, traduziu-se em uma experiência de urbanidade singular e marcante; as cidades brasileiras transformaram-se em verdadeiros espaços de encontros e desencontros de uma cultura diversa em transformação. Inúmeras levas de migrantes, oriundas dos mais variados espaços interioranos, com seus repertórios culturais específicos, deixaram a terra e os pequenos povoados para se fixar na “cidade grande”, enfrentando ali novos desafios de sobrevivência, entre eles a fragmentação e transformação de seus próprios referenciais e valores culturais. Mas essa presença também exerceu uma contínua e permanente interferência na definição dos padrões e dinâmicas da cidade, ganhando forma uma urbanidade particular e complexa.

Estudar o fenômeno de urbanização no Brasil exige desvendar e conhecer esses percursos de desenraizamento e migração que nas últimas décadas venceram a distância entre campo e cidade; mais do que isso, trata-se de resgatar e compreender — na contramão de sua ocultação — os significados desse processo, presente em meio ao complexo conjunto de saberes, relações, projetos e intervenções que, em espaço e tempo específicos, deram origem à cultura material e imaterial de nossas cidades.

Em um país no qual se faz recorrente considerar edifícios, praças e monumentos como “protagonistas” da história das cidades (a despeito das populações mantidas no anonimato), o que pode significar resgatar o mundo urbano através de seus reais construtores? De fato, a construção de um projeto voltado para recompor elementos de *memória social* na ou da cidade busca, antes de tudo, lançar um outro olhar sobre o mundo urbano através de um processo contínuo de *reconhecimento e desvendamento* de seus testemunhos e representações sociais, culturais e ambientais para, através deles, resgatar *marcas individuais e coletivas* da mesma construção. Por outro lado, elucidar essas marcas permite-nos reforçar as *possibilidades* da experiência urbana frente às trajetórias de perdas e recomeços, de interferências e conquistas vividas por uma imensa população em trânsito, podendo-se afirmar que a inexistência de referências claras desses processos ofusca e afasta os atores sociais da percepção de sua própria obra histórica, agravando-se os mecanismos de exclusão social que também operam na memória coletiva ou através dela.

EM PROL DO DESVENDAMENTO DAS AÇÕES SOCIAIS

Para estudar, refletir e compreender a *produção social* do espaço urbano necessitamos de ferramentas de pesquisa suficientemente sensíveis para *identificar e articular* as diferentes maneiras de trabalhar, habitar, alimentar-se, vestir-se, rememorar e atribuir sentido ao mundo, ferramentas que se acham presentes em meio aos repertórios, tradições e saberes das populações urbanas.

Neste breve relato, procuraremos descrever uma trajetória específica de reflexão e pesquisa sobre a cultura material/imaterial das cidades brasileiras, em especial, da cidade de Campinas, que ao longo de vários anos ganhou forma; trajetória que se foi definindo com o estudo e a percepção das singularidades dos testemunhos urbanos, ou ainda, que nasceu da necessidade de propor instrumentos e metodologias capazes de recolher, sistematizar e analisar referências acerca dos caminhos contraditórios e dinâmicos da própria formação e transformação das cidades. Essa proposta deveria ainda se mostrar atenta às *camadas de tempo* e às *dinâmicas de sobreposição, intercalação e ruptura* dos processos históricos.

Os fundamentos dessa metodologia de investigação foram ganhando forma através de uma sucessão de projetos; na verdade, cada um deles ofereceu oportunidades diferentes de vislumbrar e estudar as cidades, permitindo-nos identificar fenômenos culturais, sociais, econômicos e políticos muito singulares. Nesse sentido, trabalhamos sob a ótica da formação de uma região (antigo norte de Goiás),¹ da constituição de um território mais desagregado (oeste de São Paulo)² e de uma cidade específica (Campinas),³ percursos de uma investigação que nos permitiu pensar sobre o caráter histórico da *construção* das cidades, ao mesmo tempo que sobre a urgência de zelar e construir ferramentas de preservação histórica do universo urbano de novos formatos.

¹ Desafio de pesquisa que surgiu das prospecções arqueológicas do “Projeto Peixe Angical” na região sul do Estado de Tocantins (antigo “norte de Goiás”), ocasião em que realizamos o estudo “O alto e médio Tocantins em tempo e espaço de transformação”. “Projeto Peixe Angical” da Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, sob coordenação da professora Erika M. Robrahn-González, 2001-2002.

² Pesquisas para o “Projeto Taquaruçu-Sumaré. Linha de transmissão 440 kv”, trabalho de levantamento de subsídios históricos para prospecção arqueológica em 30 municípios do oeste do Estado de São Paulo que nos permitiu produzir o texto “Os sertões do Paranapanema”. “Projeto Taquaruçu-Sumaré. Linha de transmissão 440 kv” da Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, coordenado pelos arqueólogos Erika M. Robrahn-González e Paulo Eduardo Zanettini, 2000.

³ Trabalhos de concepção e implantação do Museu da Cidade de Campinas (1990-1992). Coordenação de Estudos Historiográficos do Projeto de Implantação do Museu da Cidade, da Secretaria Municipal de Campinas, entre os anos 1990-1992.

A cidade de Campinas, de maneira especial, abriu-nos um campo de investigação interessante, em função do caráter que as pesquisas assumiram: essa cidade se configurou objeto de estudos, preservação e educação patrimonial *no interior do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal*.⁴ Com os trabalhos de pesquisa e análise histórica focados na região central do município, realizamos levantamentos, articulações e discussões de dados em torno de seus marcos de fundação, transformação e desenvolvimento com o objetivo de balizar um entendimento ao mesmo tempo amplo, articulado, instigante e motivador de uma trajetória de descobertas e desvendamentos da cidade por seus moradores e visitantes.

Formada, na atualidade, por pouco mais de um milhão de habitantes, essa malha urbana também se fez multiplicar no curso da década de 1940, concentrando-se grande parte de sua população em regiões cada vez mais distantes do centro urbano. Orientada pela passagem de três grandes rodovias, há várias décadas Campinas fez-se marcada pela presença de uma cidade de trabalhadores diferenciada de uma cidade urbanizada e “histórica”, perpetuando-se vários marcos de segregação cultural, social e espacial herdados do século XIX. Por outro lado, sua população instalada inicialmente nos arrabaldes, depois na periferia e agora em suas novas centralidades, permaneceu presente, compartilhando e intervindo de diferentes maneiras no mesmo centro histórico, situação que nos levou a focar a região central em seus marcos de fundação, transformação e desenvolvimento, mas à luz das questões e desafios trazidos pela população da “nova cidade”.

CONHECER PARA PRESERVAR E RECONHECER

Esta proposta — ao mesmo tempo de estudo, preservação e educação patrimonial associada ao turismo — pretendeu, desde a origem, resgatar e problematizar a trajetória histórica de Campinas por meio da identificação, na região central, de diferentes áreas de constituição histórica (sub-regiões) e da presença de diferentes “camadas de tempo” a embaralhar seus testemunhos. Por outro lado, o programa “Conheça Campinas” também assumiu, desde o começo, o propósito de ampliar e qualificar a circulação através do reconhecimento e fortalecimento de significações e sentimentos de pertencimento à cidade por meio da construção de um *leque integrado de produtos turísticos* fundamentados em um mesmo corpo de referências, fontes e reflexões acerca da cidade. Em nosso entender, o desafio de aliar leituras aprofundadas da formação, transformação e desenvolvimento do território a conceitos e ferramentas do turismo nos permitiria *interagir* de maneira inusitada com o espaço social e, em especial, na medida em que nós conseguíssemos “jogar luz” sobre marcos e referências sociais e culturais que, apesar de obscurecidos ou dispersos no interior da cidade, se tornavam fundamentais ao processo de apropriação dos bens simbólicos por seus moradores e visitantes.

Esses estudos nos levaram a resgatar do século XVIII os registros de um primeiro tempo histórico — referências que espacializamos na forma dos antigos “campinhos” (clareiras abertas na mata fechada), localizando-os em meio à malha urbana. Das últimas décadas do século XVIII ao final do século XIX, resgatamos as marcas de um segundo tempo, período histórico em que atividades agrícolas extensivas, associadas a uma crescente dinâmica de mercado, promoveram a expansão de canaviais e depois cafezais, estabelecendo-se as marcas essenciais de vida urbana — transformações que permitiram a edificação de uma primeira malha urbana, hoje conhecida como “centro histórico”. Como terceiro tempo, buscamos identificar outro momento da transformação urbana: aquele caracterizado pela

⁴ Programa “Conheça Campinas”, atividade desenvolvida inicialmente pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo da PMC entre 2002 e 2004 e, mais recentemente, pela Secretaria Municipal de Comércio, Indústria, Serviços e Turismo da PMC (2005-2006).

expansão das atividades agroindustriais, responsáveis, entre outros processos, pela formação dos primeiros bairros nos arrabaldes da cidade — na prática, os primeiros bairros de trabalhadores e pequenos agricultores, hoje incorporados pela malha urbana central. No quarto tempo, demarcamos a expansão urbana contemporânea, que, a partir da década de 1930, assumiu uma intensa dinâmica urbana potencializada pela complexidade capitalista — território que ganharia forma orientado pelas rodovias, instalação de fábricas e criação de loteamentos urbanos muito distantes da região central da cidade.

Em conjunto às demarcações de tempo, procuramos também nos aproximar de uma outra esfera de percepções: as impressões e representações deixadas por cronistas, viajantes, estudiosos e habitantes sobre a cidade, referências que nos permitiram resgatar e dialogar com uma nova dimensão de significações e representações da cidade. De fato, os espaços também constituem dimensões simbólicas — dimensões permeadas por significações em transformação (ou permanência) no tempo, por testemunhos e projetos de vida revelados no espaço.⁵

Por meio da associação desses estudos com as ferramentas do turismo (mapas, placas de sinalização, informativos impressos e digitais, guias), procuramos então ampliar as formas de olhar e compreender a cidade em diferentes espaços e tempos, ou ainda, valorizar, articular e preservar marcas e testemunhos da cultura material no universo urbano. Os produtos desenvolvidos foram: um mapa turístico cultural,⁶ um site,⁷ um programa de rádio, a requalificação turística de um mirante,⁸ um livro didático⁹ e um sistema de sinalização patrimonial na região central (centro histórico)¹⁰ — produtos que procuraram oferecer aos

⁵ No mês de outubro de 2004, o “Sistema de Sinalização Turística do Patrimônio Histórico-Cultural da Região Central de Campinas” foi aprovado com louvor pelo CONDEPACC (Conselho de Preservação Municipal) e em novembro, o mesmo conselho tombou seus arquivos digitais como acervo sob guarda do Museu da Imagem e do Som. O projeto aguarda a confecção do mobiliário capaz de instalá-los nas ruas e praças de Campinas.

⁶ O Mapa Turístico Cultural de Campinas presta-se a oferecer ao morador e visitante da cidade orientações de circulação por meio das marcas históricas de constituição do território urbano. O mapa encontra-se estruturado na proposta de zoneamento patrimonial, apresentando marcas alusivas aos quatro tempos históricos e aos processos de expansão e consolidação do território; de forma associada são apresentadas referências de instituições e espaços históricos, culturais, ambientais, de lazer e entretenimento. Os moradores e visitantes da cidade encontram também no *link* “Conheça Campinas” (no portal da Prefeitura de Campinas) e no programa de rádio “Conheça Campinas” (Rádio Educativa) dados mais específicos acerca das mesmas instituições e espaços urbanos.

⁷ “Conheça Campinas” encontra-se no site www.campinas.sp.gov.br; veja também o mapa digital “Conheça Campinas”

⁸ O projeto “Janelas da Cidade” oferece visitação em um mirante — “Torre do Castelo” (caixa d’água de 22 metros, construída no início dos anos 1940 em ponto estratégico da malha urbana) — equipado com sinalização interna capaz de analisar a evolução da malha urbana e rural de Campinas (projeto de requalificação turístico-cultural em parceria com a Sanasa).

⁹ O livro *Conhecer Campinas numa perspectiva histórica* oferece subsídios didáticos aos professores para a realização de estudos do meio na região central da cidade. Construído por uma equipe de professores da Secretaria Municipal de Educação, as informações recolhidas pelo programa foram novamente trabalhadas e ampliadas a partir de uma perspectiva educativa. A equipe que construiu e redigiu esse livro foi coordenada pelo professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa, contando com a participação de vários docentes da rede municipal de ensino.

¹⁰ O sistema oferece um contato mais pleno com o corpo de referências, fontes e reflexões levantados pelo programa. Projetado para instalar, em meio ao território urbano, um conjunto de suportes voltados a resgatar, informar, articular, propor e orientar a circulação de moradores e visitantes por entre espaços tantas vezes deteriorados em seus marcos de formação, esse sistema tem placas componentes que buscam sensibilizar e convidar as pessoas a conhecer edificações, ambientes e costumes ainda presentes na vida urbana, considerando que a memória e a história constituem direito e condição primordial de acesso à cidade. Composto por 16 painéis, 4 placas intermediárias e 33 placas de monumento, esse projeto foi concebido com base em um rigoroso levantamento e cruzamento de dados, identificação e seleção de fontes documentais, iconográficas e de cultura material que, em seu total, dão acesso a cerca de 300 imagens raras, a fragmentos documentais de 70 autores e a informações turísticas de mais de 150 atrativos. Confecionados em aço, vidro e lona estampada com imagens,

moradores e visitantes da cidade um contato diferenciado com uma ampla gama de aspectos materiais e imateriais fundamentais à compreensão, identidade e valorização da história urbana, em especial, vivenciada na região central de Campinas no curso do tempo.

Os resultados dessa experiência ainda estão em curso, mas um aspecto já podemos observar: a população da cidade vem incorporando seus resultados, suas referências e articulações com grande satisfação, disseminando-se os conteúdos pelos mais diversos grupos e espaços sociais. O Programa “Conheça Campinas” pertence a Campinas.

mapas, fragmentos documentais, textos explicativos e sugestões de circulação, os 16 painéis informativos (também chamados por nós de MUPI — Mobiliário Urbano para Informação) visam articular o atrativo à área envoltória que lhes confere significado, procurando fornecer dados importantes de sua constituição e transformação, além de informações específicas de outros atrativos próximos e correlatos. Em paralelo, quatro placas intermediárias buscam analisar aspectos das áreas de fronteira da malha central, enquanto 33 placas de monumento fornecem dados específicos de edificações e monumentos. A equipe que integrou o Projeto de Sinalização foi formada por Mirza Pellicciotta (coordenação de projeto, de pesquisa histórica e da produção de textos), Eros de Marconsini e Vizel, Fabíola Rodrigues, Marcelo Moraes, Antonio Carlos Lorette, Fabiana Bruno, Marta Fontenele, Ângelo E. Silva Pessoa, Carolina Galzerani e Grupo Memória, História e Educação da Faculdade de Educação da Unicamp.